

RESUMOS

Breve História das Artes em Macau, do Passado ao Presente

Este texto pretende avaliar as artes visuais em Macau através de uma perspectiva temática apresentada cronologicamente. O seu propósito é o de servir como texto introdutório para o posterior desenvolvimento e aprofundamento de cada período histórico ou tema. O texto pretende cobrir a variedade artística de Macau – incluindo pintura e caligrafia tradicional chinesa, arte moderna de cariz e tradição ocidental e novos media –, relata a sua internacionalização através de colecionismo, refere a representação de arte de Macau em exposições internacionais, enquanto avança as tendências (inter)nacionais que caracterizaram a arte em Macau ao longo do tempo.

[Autora: Leonor Veiga, pp. 6–15]

Mio Pang Fei e o “Neo-Orientalismo”: de Percurso a Legado

Este ensaio sugere que o artista plástico Mio Pang Fei é alguém imbuído de uma grande “agência” intelectual. A sua vida e prática artística têm sido dedicadas a conceber um modelo intelectual que estabeleça um encontro cultural entre Oriente e Ocidente, a que chamou Neo-Orientalismo. Para concretizar o seu projecto, Mio Pang Fei tem produzido vasta obra artística e escrito vários ensaios. Através destes produtos, ele exemplifica e comunica a sua missão cultural de abrir novos caminhos para a arte

chinesa, que considera necessitar de reformulação. A estratégia de comunicar programas artísticos através de texto é um dos aspectos primordiais da vanguarda artística. Os manifestos das vanguardas avançavam as intenções e estratégias dos colectivos de artistas que pretendiam mudar a arte, a forma como é feita e recebida. Mio Pang Fei parte desta tradição, mas difere dela: o artista-autor comunica o seu programa mas declara-o como um programa para várias gerações e sem um conjunto específico de atributos.

[Autora: Leonor Veiga, pp. 16–29]

Uma Revisão Extensiva da História Urbana de Macau e Hong Kong até aos Finais do Século XX

Macau e Hong Kong foram fundadas como cidades portuárias para o comércio Chinês em 1557 e 1842, respectivamente. Este artigo tenta caracterizar e discutir a rica, mas pouco estudada, história urbana destas duas cidades. O artigo apresenta uma perspectiva evolutiva em três vectores de investigação: (i) a natureza das relações entre as cidades e as suas áreas de influência, (ii) o papel e o carácter das elites mercantis e (iii) a morfologia urbana. O argumento é que o que permitiu a sobrevivência destas duas cidades como cidades portuárias no mar do sul da China foi a sua destreza em se adaptar e/ou transformar o seu

ambiente, e em estabelecer dinâmicas sociais, culturais, económicas e políticas com a China e os países asiáticos vizinhos. Um dos principais resultados da investigação é que a história urbana destas duas cidades é crucial para perceber os seus papéis na hierarquia urbana local, regional e mundial.

[Autor: Carlos J. L. Balsas, pp. 30–39]

A Rota da Seda Marítima: o Papel de Portugal e de Macau no seu Estabelecimento

A rota da seda constituiu, ao longo do tempo, um poderoso veículo de divulgação cultural e religiosa, em simultâneo com as trocas comerciais que favoreciam e estimulavam a sua existência. O propósito deste texto é analisar o papel de Portugal na construção das rotas marítimas e qual a posição de Macau nesse contexto. A abordagem do tema inicia-se com a história da Rota da Seda, demonstrando que as diversas redes que foram construídas ao longo do tempo por monges, sacerdotes, soldados, nómadas e peregrinos, com ênfase na religião e no comércio, serviram, em simultâneo, para difundir a cultura e o conhecimento entre diferentes civilizações. A partir do século XV as rotas marítimas passaram a fazer parte integrante das redes existentes, com especial destaque para os percursos desenvolvidos pelos países ibéricos: Portugal e Espanha, que construíram a primeira global-

ização à qual se seguiu o aparecimento dos grandes impérios globais, nos séculos XIX e XX, com forte impacto no império português e em Macau. A nova Rota da Seda procura reavivar a cooperação entre as cidades de diferentes países, que no passado fizeram parte da Rota da Seda e que, no futuro, podem partilhar os benefícios dessa herança, interligando-se em novas rotas sustentáveis.

[Autora: Maria José de Freitas, pp. 40–53]

Ciência e Religião: a Polémica Darwinista em Hong Kong e em Macau

Em 1880, a comemoração do tricentenário da morte de Luís de Camões pela comunidade portuguesa de Macau residente em Hong Kong evocou o maior poeta da cultura portuguesa e reforçou a sua ligação a Macau, onde a tradição sustenta que escreveu partes do seu poema épico *Os Lusíadas*. Momento de afirmação identitária vivido no Club Lusitano, este evento contou com um elaborado e vasto programa, hoje conhecido através de *Memória dos Festejos*, publicação que registou o evoluir das comemorações e as intervenções que foram proferidas. Uma dessas intervenções, anónima, escrita em castelhano e intitulada "Un Admirador", aproveitou o ensejo de homenagem ao vate lusitano para tecer considerações contra as novas tendências da ciência, espoletadas pelas pesquisas científicas do naturalista inglês Charles Darwin e pela sua célebre obra *A Origem das Espécies*. Duas personalidades macaenses

de grande prestígio em Hong Kong, Policarpo António da Costa e Lourenço Pereira Marques, escreveram textos em que defendiam as ideias darwinistas, contrapondo os seus argumentos aos do autor anónimo. Em 1881, o cónego português António de Vasconcelos produziu na Sé de Macau um sermão, na Páscoa, cujo conteúdo espoletou a resposta dos dois macaenses. Os textos que escreveram são a confirmação de que a cultura e as correntes científicas do século XIX não eram factores estranhos a muitos elementos da comunidade macaense em Hong Kong.

[Autora: Celina Veiga de Oliveira, pp. 54–66]

O Herói Trágico Lin Zexu Imortalizado no Templo Lian Feng Miao de Macau

Natural da província de Fujian, Lin Zexu foi nomeado Comissário Imperial para travar a escalada do tráfico de ópio. Lançando uma forte campanha de supressão do ópio, confiscou coercivamente e destruiu uma enorme quantidade de ópio em Humen, em Junho de 1839. Enquanto isso, foi a Macau para pressionar as autoridades portuguesas a cooperar na contenção do comércio britânico de ópio e a histórica reunião sino-portuguesa foi realizada no Templo Lian Feng Miao (Templo de Lótus). O seu papel de liderança foi crucial nos eventos que levaram à animosidade sino-britânica. Após a derrota da China na Primeira

Guerra do Ópio, este homem da linha dura foi banido para a remota cidade de Yili, em Xinjiang. Pouco tempo depois, seria reabilitado para enfrentar a Rebelião Taiping, mas morreu a caminho de assumir o seu novo cargo. Postumamente, Lin Zexu foi bastante lembrado na arena internacional. Em sua homenagem, as Nações Unidas designaram 26 de Junho como Dia Internacional contra o Abuso de Drogas e o Tráfico Ilícito. Em reconhecimento da sua breve visita a Macau, Lin Zexu foi reverenciado na área mais proeminente do Templo Lian Feng Miao.

[Autora: Christina Miu Bing Cheng, pp. 67–85]

A Presença de Confúcio na Cultura Portuguesa

A sabedoria e a ética prática de Confúcio, considerado como o sábio dos sábios, estão presentes na cultura portuguesa com uma insuspeitada transversalidade, sobretudo desde os alvares do século XVII, entradas pela mão dos jesuítas. A sinologia portuguesa e a sinologia de língua portuguesa não dispõem de um roteiro bibliográfico e historiográfico minimamente atualizado, o que não é muito compreensível se tivermos em consideração a sua secular antiguidade.

Este estudo é um subsídio para a história da presença de Confúcio na cultura portuguesa até 1920, revisitando autores (de Álvaro Semedo até ao Visconde de Villa Moura, passando por José Ignácio de Andrade,

Sampaio Bruno, Eça de Queiroz ou Manuel da Silva Mendes, entre tantos outros) e sinalizando fontes frequentemente negligenciadas – imprensa periódica, manuais escolares, dicionários, enciclopédias. Valoriza-se, também, o histórico papel protagonizado por Macau, como porta do Oriente aberta ao Ocidente, na difusão das ideias e dos ideais inspiradas no legado espiritual de Confúcio.

[Autor: António Aresta, pp. 86–100]

Cristianizar a Paisagem: Antigas Igrejas Católicas na China

Este ensaio é uma revisão do mais recente livro de Alan Richard Sweeten, intitulado *Old Churches: The History, Architecture, and Legacy of Catholic Sacred Structures in Beijing, Tianjin, and Hebei Province* (Velhas Igrejas da China: A História, Arquitetura e Legado das Estruturas Sagradas Católicas em Pequim, Tianjin e Província de Hebei), que explica através de detalhes vívidos o modo como católicos urbanos e rurais do norte da China manifestaram a sua identidade eclesiástica através da arquitectura e iconografia. Este relato oportuno e abrangente põe em contexto histórico as imagens e a arquitectura das principais igrejas católicas, criando uma visão global de um período e de uma região imensamente agitados, revelando perigos e desafios sem precedentes para a evangelização, mas também liberdade e oportunidade para colaborações interculturais. Sweeten

contextualiza o processo duradouro da cristianização nas acções de adaptação e ajustamento religioso, transição de impérios e compromisso transcultural entre missionários ocidentais e actores indígenas.

[Autor: Joseph Tse-Hei Lee, pp. 101–105]

Ensaio Teórico – Cânone e Escrita: Sobre Oralidade e a Estilização da Palavra

Como é possível que a caligrafia tenha assumido uma posição tão importante dentre as Belas-Artes de certos países? Há razões contingentes e instrumentais para tanto, por exemplo o facto de que a burocracia exerce um papel central como agente cultural ou o elemento de que certas obras clássicas têm um estatuto de sacralidade (ou semi-sacralidade). O presente ensaio, ademais, preocupa-se com uma razão mais estrutural, nomeadamente a influência desproporcional da palavra escrita em relação à falada, situação mais ou menos generalizada pelas altas culturas do mundo. Nesse contexto, uma importante diferença entre o Cânone Ocidental e, por exemplo, o da China são os diferentes valores atribuídos à oralidade, isto é, ao contributo realizado pela transmissão oral de histórias, conhecimentos e sabedorias. No caso do Ocidente, considerando-se o processo de criação e recriação do Cânone, há uma constante tensão entre novos aportes linguísticos e a tradição, representada pelo “ciclo vital” dos seus idiomas clássicos. No caso da China, por

outro lado, a autoridade absoluta da língua clássica, e a sua relativa estabilidade ao longo de milénios, serviu de barreira à entrada de elementos inovadores (e heterogêneos). Sob esse pano de fundo, compreende-se por que, sob a teoria de mudança linguística contemporânea, as obras do Cânone ocidental possam ser submetidas a revisão.

[Autor: Giorgio Sinedino, pp. 106–112]

O Apelo Visual da Literatura: Wang Xizhi (303-361) e o “Prefácio à Antologia do Baldaquim das Orquídeas”

Mais do que uma das obras-primas da caligrafia chinesa, o “Prefácio à Antologia do Baldaquim das Orquídeas”, de Wang Xizhi, oferece uma visão privilegiada do microcosmo intelectual e artístico dos *literati* (burocratas) e *hommes de lettres da China*. Composto numa atmosfera ao mesmo tempo amical e hierárquica, informal e canónica, o “Prefácio” regista um ébrio encontro de colegas de trabalho profundamente versados na tradição beletrística multissecular de seu país. O estilo caligráfico de Wang é digno e elegante, demonstrando porém uma verve e leveza inauditas na escrita clerical. Neste novo número das “Dimensões do Cânone”, o primeiro dedicado à caligrafia, partimos da biografia oficial de Wang Xizhi para esclarecermos o que significa e como se realiza a liderança criativa no contexto específico da China imperial. A seguir,

pela primeira vez na língua portuguesa, oferecemos uma tradução integral anotada do “Prefácio”, com particular atenção ao problema da produção colectiva de obras literárias e do seu cariz lúdico. Por último, com base em comentários de personagens consagradas na história literária-cultural da China, apresentamos um conjunto de cópias conservadas do “Prefácio”, indicando o seu valor para o desenvolvimento da estilística caligráfica daquele país. Nos diferentes segmentos do texto, tentamos aliar os diversos níveis de análise tratados nos textos anteriores: fac-

tores literários e filológicos, sociais e políticos, estéticos e artísticos.

[Autor: Giorgio Sinedino, pp. 113–137]

